

A exposição “Diários da Pandemia” no Museu da Pessoa: memória, escritas digitais do eu e emoções

The exhibition “Diários da Pandemia at Museu da Pessoa: memory, self digital writings and emotions

La exposición “Diários da Pandemia” en el Museu da Pessoa: memoria, escrituras digitales del yo y emociones

Daniele Ribeiro FORTUNA¹
Jacqueline de Cassia Pinheiro LIMA²

Resumo

Este artigo busca refletir sobre as memórias e emoções de brasileiros anônimos durante a pandemia de Covid-19 por meio da leitura de textos da exposição “Diários da pandemia – Um dia de cada vez”, disponível no Museu da Pessoa. Para tanto, aborda a questão da memória e sua relação com a internet, tendo como base Nora (1993) e Henriques (2014). Trata ainda sobre as emoções, conforme teóricos da antropologia das emoções. E discute sobre as novas escritas digitais do eu, sob a perspectiva de autores como Arfuch (2010, 2014) e Lejeune (2014). Por fim, a partir da delimitação de um *corpus*, analisa os textos da plataforma, adotando como metodologia métodos qualitativos de pesquisa artesanal.

Palavras-chave: Memória; Internet; Escritas digitais do eu; Emoções.

Abstract

This article seeks to reflect on the memories and emotions of anonymous Brazilians during the Covid-19 pandemic by reading texts from the exhibition “Diários da Pandemia – Um dia de cada vez”, available at the Museu da Pessoa. To this end, it

¹ Pós-doutoranda em Comunicação pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (CNPq); Doutora em Literatura Comparada pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro. E-mail: drfortuna@hotmail.com. Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-8739-7271>.

² Pós-doutora em Cognição e Linguagem pela Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro; Pós-doutora em História pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Doutora em Ciências Sociais: Sociologia pelo Instituto de Pesquisas do Estado do Rio de Janeiro. E-mail: jacapili.jl@gmail.com. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-0153-8948>.



addresses the issue of memory and its relationship with the internet, based on Nora (1993) and Herniques (2014). It also addresses emotions, according to theorists of the anthropology of emotions. And it discusses the new digital self writings, from the perspective of authors such as Arfuch (2010, 2014) and Lejeune (2014). Finally, based on the delimitation of a *corpus*, it analyzes the texts on the platform, adopting qualitative methods of artisanal research as a methodology.

Keywords: Memory; Internet; Self digital writings; Emotions.

Resumen

Este artículo busca reflexionar sobre las memorias y emociones de brasileños anónimos durante la pandemia de Covid-19 a través de la lectura de textos de la exposición “Diarios da Pandemia – Um dia de cada vez”, disponible en el Museu da Pessoa. Para ello, aborda la cuestión de la memoria y su relación con internet, basándose en Nora (1993) y Herniques (2014). También se ocupa de las emociones, según los teóricos de la antropología de las emociones. Y aborda las nuevas escrituras digitales del yo, desde la perspectiva de autores como Arfuch (2010, 2014) y Lejeune (2014). Finalmente, a partir de la delimitación de un *corpus*, se analizan los textos presentes en la plataforma, adoptando como metodología métodos de investigación artesanal cualitativa.

Palabras clave: Memoria; Internet; Escrituras digitales del yo; Emociones.

Introdução

Em março de 2020, a Organização Mundial de Saúde (OMS) decretou a pandemia de Covid-19. Iniciou-se ali um período extremamente difícil para o mundo e, obviamente, para o Brasil. Cinco anos depois, quando este artigo foi escrito, mais de 715 mil pessoas haviam morrido em função do vírus (Coronavirus Brasil, 2025)

Há períodos da história que, embora tenham sido difíceis – ou talvez justamente por isso –, com perdas irreparáveis, não devem ser esquecidos. E a pandemia de Covid-19 foi um destes. Passados cinco anos, talvez ainda não seja possível um distanciamento necessário para entendermos todos os impactos sociais, psicológicos, culturais, sanitários e políticos da pandemia. Entretanto, as impressões de quem a viveu podem nos dar algumas pistas.

Entre 2020 e 2023 – quando foi oficialmente decretado o fim da pandemia –, mas, principalmente entre 2020 e 2021 – quando o maior número de pessoas morreu –, algumas instituições, em diferentes países, organizaram iniciativas de *crowdsourcing*. Segundo Marino (2025, p. 5), “uma definição genérica de



crowdsourcing (...) pode ser: método de coleta de informações on-line a partir de chamadas abertas ao público.”

De acordo com o pesquisador (Marino, 2025), diversas estratégias do gênero ocorreram na América Latina durante o período da pandemia. Instituições brasileiras também recorreram à iniciativa, como a Unicamp (#MemóriasCovid19), a PUC-RJ (Memórias da pandemia) e o Museu da Pessoa (Diários da Pandemia – Um dia de cada vez). Para Andréa Casa Nova Maia (2021, p. 3), “a produção de espaços de arquivamento e testemunhos é quase um *dever de memória*³ que fornecerá, no futuro, mais conhecimento sobre o que estamos vivendo hoje”.

Dessa forma, este artigo busca refletir sobre as memórias e emoções de brasileiros anônimos durante a pandemia de Covid-19 por meio da análise de textos da exposição “Diários da pandemia – Um dia de cada vez”, disponível no Museu da Pessoa. De acordo com descrição em sua página inicial, fundado em 1991, na cidade de São Paulo, “O Museu da Pessoa é um museu virtual e colaborativo de histórias de vida aberto à participação de toda pessoa” (Museu da Pessoa, 2025).

Como metodologia, foram adotados métodos qualitativos de pesquisa artesanal, tomando como base obras de Wright Mills (2009) e Howard Becker (1993). Nesse sentido, os critérios de seleção dos textos que compõem o *corpus* foram surgindo ao longo de um processo de investigação. Na seção em que tal investigação é apresentada, explicaremos minuciosamente a metodologia, os critérios empregados para a delimitação do *corpus* e sua análise.

Iniciamos o texto, abordando a questão da memória e sua relação com a internet. Como suporte teórico principal, vamos nos basear em Nora (1993) e Henriques (2014). Em seguida, trataremos sobre as emoções, tendo como escopo a antropologia das emoções e, principalmente, os autores Lutz e Abu-Lughod (1990), Le Breton (2009) e Rezende e Coelho (2010). Posteriormente, discutiremos as novas escritas eu, presentes na internet na forma de blogs, *posts* em redes sociais etc. Para tanto, partiremos da perspectiva de autores como Arfuch (2010, 2014), Lejeune (2014), Heehs (2013) e Djick (2009).

³ Grifo de Maia (2021)



Por fim, na seção relativa à investigação dos textos publicados na exposição “Diários da Pandemia”, no Museu da Pessoa, explicaremos a metodologia adotada para a seleção do *corpus* e apresentaremos a análise das publicações escolhidas, tendo como ponto central a memória e a emoção.

Memória e internet

Segundo Pierre Nora (1993, p. 9), referindo-se a Maurice Halbwachs, “a memória emerge de um grupo que ela une”, por isso, haveria tantas memórias quanto grupos. A memória seria, então, “múltipla e desacelerada, coletiva, plural e individualizada” (Nora, 1993, p. 9).

Entretanto, para Nora (1993), à medida em que desaparece a memória tradicional, oral, ocorre um enraizamento no concreto, no espaço, no gesto, na imagem, no objeto e no registro. Assim, quanto menos a memória é vivida no interior, “mais ela tem necessidade de suportes exteriores e de referências tangíveis de uma existência que só se vive através delas” (Nora, 1993, p. 14). O autor considera ainda que a nossa época é produtora de arquivos, “não somente pelo volume que a sociedade moderna espontaneamente produz, não somente pelos meios técnicos de reprodução e de conservação de que dispõe, mas pela superstição” (Nora, 1993, p. 15).

Nesse sentido, Marialva Barbosa (2007), também com base em Nora, aponta que essa vontade geral de registro e arquivamento se relaciona com o processo de democratização e descentralização da memória, que teria ocorrido na modernidade e se radicalizado na contemporaneidade. Dessa maneira, “o arquivamento deixa de ser, como antes, exclusividade de grupos sociais dominantes – entre eles a Igreja e o Estado – e passa a ser prerrogativa também de um número muito maior de pessoas” (Barbosa, 2007, p. 42)

Andreas Huyssen (2000) ratifica as considerações de Nora (1993) e Barbosa (2007), afirmando que a memória é umas principais preocupações culturais e políticas das sociedades ocidentais. Segundo o autor, os discursos de memória tornaram-se mais profícuos na Europa e nos EUA no começo da década de 1980, impulsionados pelo debate sobre o Holocausto, que teria se iniciado com uma série de TV chamada “Holocausto”.



Com o advento da internet, a discussão ganhou novas nuances. Surgiu uma memória do “imediatismo, dos acontecimentos vividos e narrados ao mesmo tempo” (Henriques, 2014, p. 17). De acordo com Henriques, “o registro e o compartilhamento quase instantâneo (*sic*) de uma ação não permite o distanciamento temporal entre o presente e o passado, o que faz parecer que a memória é complemento, ou como afirma Virilio (2006, p. 94) ‘a memória é uma linguagem, um utensílio de comunicação’”.

A partir dessas novas tecnologias, armazenar a memória tornou-se muito mais simples e fácil. Com a democratização da internet, cada vez mais pessoas passaram a compartilhar informações, que ficaram arquivadas enquanto o site utilizado estivesse online. Apesar desse cenário apresentar aspectos positivos, há questões que não podem ser ignoradas.

Como pondera Huyssen (2000), o aumento explosivo de memória poderia acarretar um aumento explosivo do esquecimento. Além disso, João Messias Canavilhas (2004) ressalta que, embora seja inegável a possibilidade de a internet funcionar como um manancial de memórias, coletivas e individuais, questões de ordem técnica podem se tornar um obstáculo. Canavilhas (2004) dá como exemplo a quebra de *hiperlinks*, que tornam o conteúdo indisponível.

Entretanto, a internet permite que a informação seja disseminada e, dessa forma, aumentariam as possibilidades de preservação de memórias: “quanto mais viral um conteúdo for, mais chances ele tem de ser preservado, pois será replicado em diferentes sites, ampliando suas possibilidades de preservação” (HENRIQUES, 2014, p. 19).

Outra questão importante é explorada por Velhinho e Almeida (2023), que afirmam que a digitalização implicou o surgimento de novas práticas de investigação, novas formas de classificação e envolvimento de comunidades. Para os autores, “o foco deixa de estar apenas nos objetos e nas coleções, para passar a contemplar as relações e narrativas digitais que é possível estabelecer entre eles” (Velhinho; Almeida, 2023, p. 6). Como exemplo, citam iniciativas de *folksonomia*⁴ e *crowdsourcing*, que são

⁴ Segundo o Portal do Bibliotecário, “Folksonomia é a tradução do termo *folksonomy* que é um neologismo criado em 2004 por Thomas Vander Wal, a partir da junção de *folk* (povo, pessoas) com *taxonomy*. Para Wal, Folksonomia é o resultado da atribuição livre e pessoal de etiquetas ou *tagging* a informações ou objetos (qualquer coisa com URL), visando à sua recuperação. A atribuição de etiquetas é feita num ambiente social (compartilhado e aberto a outros)”. (Portal do Bibliotecário, 2015)



tecnologicamente mediadas que permitem a participação de não especialistas, que contribuem com diferentes tipos de textos – incluindo fotos, vídeos etc. –, valorizando “o papel dessas pessoas na salvaguarda de seu patrimônio, história e memória, levando a um maior envolvimento, sensibilização e corresponsabilização” (Velhinho; Almeida, 2023, p. 6).

Para explicar o que é *crowdsourcing*, Marino (2025) cita Brabham (2013 apud Marino, 2025, p. 6), para quem a estratégia “é um modelo de produção e solução de problemas on-line e distribuído que aproveita a inteligência coletiva de comunidades on-line para atender objetivos organizacionais específicos”. O autor afirma que este tipo de ação passou a ser celebrado como “ferramenta de alavancagem de projetos por instituições com maior grau de precariedade ou limitações na capacidade de mobilizar mão de obra na realização de determinada tarefa” (Marino, 2025, p. 6).

Durante a pandemia de Covid-19, em função do distanciamento físico, tornou-se um procedimento que tornava viável para coletar registros históricos. O Museu da Pessoa foi uma das instituições que adotou essa iniciativa, que surgiu baseada no princípio da democratização da memória (Henriques; Lara, 2021). Contaremos um pouco de sua história na seção de análise. Antes, porém, abordaremos a questão das emoções e das narrativas digitais do eu.

As emoções e sua relação com o discurso

Embora a questão das emoções já fosse debatida na antropologia desde seu início, no século XIX, seu estudo ganhou impulso na cena antropológica dos EUA na década de 1980 (Coelho, Durão, Vianna, 2012). Os estudos de autoras como Lila Abu-Lughod, Michele Rosaldo e Catherine Lutz marcaram o início da antropologia das emoções naquele país.

Em 1990, Catherine Lutz e Lila Abu-Lughod organizaram uma coletânea de estudos intitulada *Language and the politics of emotions*, considerada um dos trabalhos introdutórios da área (Rezende; Coelho, 2010). Não cabe aqui traçar uma genealogia da antropologia das emoções. Nosso objetivo é apresentar alguns conceitos que servirão como base da nossa análise. Entretanto, é importante traçar um mapeamento reduzido do campo de estudos sobre emoção, de acordo com Lutz e Abu-Lughod (1990 apud Coelho, Durão, Vianna, 2012).



Segundo Coelho, Durão e Vianna (2012), Lutz e Abu-Lughod identificam três vertentes teóricas principais: o essencialismo, o relativismo e o historicismo. A teoria essencialista baseia-se “na crença na existência universal das emoções”. O relativismo tem como foco “a noção de que as emoções seriam ‘construções culturais’”. E o historicismo volta-se para a “análise das variações diacrônicas das emoções”. (Coelho, Durão, Vianna, 2012, p. 214)

Lutz e Abu-Lughod (1990), entretanto, não trabalham como nenhuma destas vertentes. As antropólogas propõem uma quarta, a contextualista: “Esta proposta teórica é baseada na noção foucaultiana de discurso, entendida como ‘uma fala que forma aquilo que se fala’”. (Coelho, Durão, Vianna, 2012, p. 215) Assim, os discursos emocionais só podem ser entendidos a partir do contexto do qual surgem.

Para Lutz e Abu-Lughod (1990, p. 12), o discurso emocional é “(...) uma forma de ação social que cria efeitos no mundo, efeitos que são lidos de forma cultural pelo público para a fala sobre emoção. Pode-se dizer que a emoção é *criada* em vez de moldada pela fala, no sentido de que é postulado como uma entidade na linguagem na qual seu significado para atores sociais também é elaborado.”⁵

Nesse sentido, como afirmam Rezende e Coelho (2010, p. 66), o contextualismo “baseia-se na concepção de discurso como uma fala que mantém com a realidade uma relação não de referência, mas sim de formação. Ou seja, nela o real não preexiste ao que é dito sobre ele, mas, ao contrário, é formado por aquilo que se diz sobre ele”.

De fato, o discurso tem importância fundamental na sociedade. Michel Foucault (2012, p. 46) considera que “o discurso nada mais é do que a reverberação de uma verdade nascendo diante de seus próprios olhos”. Ao organizar um discurso, o sujeito lhe confere o poder de representar, nomear, classificar e explicar. Além disso, o indivíduo dá vida às formas vazias da vida. Para Foucault (1966, p. 405), “onde houver discurso, as representações expõem-se e justapõem-se; as coisas assemelham-se e articulam-se”. Só se pode conhecer as coisas e sua ordem por meio da soberania das palavras (Foucault, 1966).

⁵ Tradução nossa. No original: (...) a form of social action that creates effects in the world, effects that are read in culturally informed way by audience for emotion talk. Emotion can be said to be *created* in, rather than shaped by speech in the sense that is postulated as an entity in language where its meaning to social actors is also elaborated. (Grifo de Lutz e Abu-Lughod)



Com base no que afirma Foucault (1966; 2012), os teóricos da antropologia das emoções reputam ao discurso o papel de formação da realidade: “o real não preexiste ao que é dito sobre ele, mas, ao contrário, é formado por aquilo que se diz sobre ele”. (Rezende; Coelho, 2010, p. 66) Para existir, portanto, a emoção necessita de um contexto, “emergindo da relação entre os interlocutores e a ela sempre referida”. (Rezende; Coelho, 2010, p. 66).

David Le Breton assume posição semelhante. De acordo com o antropólogo francês, “para que um sentimento (ou emoção) seja experimentado ou exprimido pelo indivíduo ele deve pertencer, de uma forma ou de outra, ao repertório cultural do seu grupo” (Le Breton, 2009, p. 126). Le Breton ainda considera que as emoções “seriam modos de afiliação a uma comunidade social, uma maneira de se reconhecer e de poder se comunicar em conjunto sobre a base da proximidade sentimental” (Le Breton, 2009, p. 126).

Se discurso e emoções estão intimamente relacionados, escrever sobre elas as torna mais palpáveis, mais concretas. Durante a pandemia de Covid-19, inúmeras pessoas escreveram sobre aquele momento. Diversos diários foram editados, bem como blogs e postagens em redes sociais sobre o tema foram publicados. Como afirmamos anteriormente, indivíduos anônimos deram sua contribuição a iniciativas de *crowdsourcing*, como a exposição “Diários da pandemia” no Museu da Pessoa.

Antes de abordarmos a exposição, cabe discutirmos a questão da escrita digital e sua relação com as emoções.

Escritas digitais do eu

A palavra diário pode remeter a uma escrita intimista, muitas vezes mantida em segredo. Segundo Fortuna (2019), há dois tipos de diários: um no qual se escrevem segredos que nunca serão lidos e outro em que se compartilha a vida com o leitor. Entretanto, mesmo os diários mais ‘secretos’ têm um filtro (Lejeune, 2014). Na verdade, como aponta Fortuna (2019, p. 188), “trata-se de uma tentativa de apreensão de um tempo em movimento, que ficará registrado para sempre”.

Para Djick (2007, p. 55), “diários e registros de vida se movem ao longo dos eixos de identidade relacional e tempo: eles são instrumentos de autoformação, bem como



veículos de conexão. São também ferramentas para registrar e atualizar o passado que simultaneamente orientam a memória e a identidade futuras”.⁶ De fato, uma das funções do diário é conservar a memória.

O diário surge no século XVIII em função do nascimento da noção de um “eu”, que, por sua vez, está intimamente relacionado à consolidação do capitalismo e do mundo burguês (Arfuch, 2010). Lejeune (2014, p. 302) acredita que “ter um diário tornou-se, para um indivíduo, uma maneira possível de viver, ou de acompanhar um momento da vida. O texto que se confia assim ao papel é um vestígio dessa conduta”. De acordo com Arfuch (2014), as escritas do eu, muitas vezes, resultam de um impulso de registrar os momentos, as adversidades, as banalidades da vida, mas também os momentos transcendentais, como a separação, a perda e a morte.

Segundo Peter Heehs (2013), o diário pode ser visto como um documento no qual o escritor registra suas experiências, pensamentos e sentimentos logo após eles acontecerem, em entradas geralmente datadas. Os diários são diferentes das memórias porque não são retrospectivos nem têm um enredo explícito. São escritos dia a dia, com o presente como um ponto de vista variável e sem nenhum conhecimento do futuro. Mas a distinção entre diário e memória não é absoluta: muitos diários se tornaram as bases das memórias, muitas memórias têm passagens que se assemelham a entradas de diário (Heehs, 2013).

Ainda no que diz respeito à memória, Lejeune considera que o diário teria a função de ajudar a fixar o passado, contribuindo para a memória coletiva. Teria ainda como função o desabafo, o autoconhecimento, a deliberação, a resistência, a reflexão e a prática da escrita (Lejeune, 2014). Inicialmente, Lejeune (2014) está se referindo aos textos escritos no papel, mas sua discussão avança para a internet

Com o advento da web e, posteriormente, de sites nos quais qualquer um poderia organizar facilmente um blog, sem precisar entender de programação, a escrita do eu também passou a ser compartilhada nesse espaço virtual. No Brasil, os primeiros blogs surgiram nos anos 2000 (Schittine, 2004). Embora pareça paradoxal, naquele momento, havia uma sensação de privacidade, pois o escritor podia manter-se distante

⁶ Tradução nossa. No original: “As mediated memories, diaries and lifelogs move along the axes of relational identity and time: they are instruments of self-formation as well as vehicles of connection. They are also tools to record and update the past that simultaneously steer future memory and identity”.



de seus leitores, sem um contato face a face e sem divulgar muitas informações, sentindo-se livre para escrever o que quisesse. (Lejeune, 2014)

Aos poucos, a internet foi se modificando, evoluindo tecnologicamente. Despontaram novos espaços de interação, como as redes sociais digitais, as quais também se tornaram mais um espaço de escrita. Os autores de textos passaram a ser menos incógnitos. Outra mudança importante é que imagens e vídeos também se transformaram em um modo de escritas do eu.

As mudanças da internet ao longo do tempo possibilitaram o que Arfuch denomina de “modos de vida online”, que permitem ao sujeito passar da condição de espectadores da vida alheia para atores, protagonistas, criadores da própria personagem ficcional. (Arfuch, 2014). Em relação à memória e aos arquivos, também houve transformações. Atualmente, tudo pode ser registrado e arquivado.

Entretanto, vivemos em uma temporalidade efêmera (Arfuch, 2014). Embora possam ficar armazenadas infinitamente, as informações lançadas na internet, muitas vezes se perdem em meio a um infinito número de dados e podem nunca ser recuperadas. Permanece, porém, a tentativa de compartilhar a vida através de textos, ainda que estes textos nunca sejam lidos.

Digitais ou não, as escritas do eu podem ser consideradas a ressonância discursiva das emoções subjetivas de uma pessoa, canalizada por meio de palavras e gramática e disponível em um pedaço de papel ou em uma tela (Djick, 2007). Djick (2007) utiliza o termo “afeto mediado”⁷ (*mediated affect*) para se referir a afetos revelados pela mídia eletrônica contemporânea, por meio da qual os indivíduos expõem sua subjetividade.

Segundo Djick, “Gibbs (2001 *apud* Djick, 2007) transfere implicitamente a noção de subjetividade afetiva da memória autobiográfica para a memória cultural ao nomear a mídia eletrônica contemporânea como amplificadora do afeto: histórias contadas na televisão, no rádio ou na internet encorajam a troca pública de sentimentos e emoções íntimas.” (Djick, 2007, p. 56)⁸

⁷ Embora haja diferenças entre emoções, sentimentos e afetos, neste texto, optamos por tratar as palavras como sinônimos, conforme em Le Breton (2009).

⁸ Tradução nossa. No original: “Gibbs implicitly transfers the notion of affective subjectivity from autobiographical memory onto cultural memory by appointing contemporary electronic media as the



A pandemia de Covid-19 foi um dos momentos em que essa troca pública de afetos se tornou explícita e contagiante. Muitos compartilharam textos falando de medos, dores, preocupações, angústias etc. São registros que merecem ser arquivados porque constituem a memória de um momento histórico que não deve ser esquecido. Entretanto, como afirmamos anteriormente, os textos nas redes sociais são efêmeros. Ficam guardados, mas são difíceis de encontrar. Transformam-se em vestígios perdidos. Por isso, a importância das iniciativas de *crowdsourcing*, como a exposição “Diários da pandemia – Um dia de cada vez” no Museu da Pessoa, da qual trataremos no item que se segue.

Exposição “Diários da pandemia” no Museu da Pessoa

Quando surgiu, em 1991, o Museu da Pessoa tinha um caráter inovador, não apenas por ser virtual em um momento em que a internet ainda não era uma realidade para o grande público, mas também pela especificidade de sua configuração. Trata-se de um museu aberto à participação de qualquer pessoa, que nasceu justamente dessa necessidade de registro de histórias de vida. (Henriques; Lara, 2021)

Henriques e Lara (2021, p. 213) explicam que o trabalho do Museu da Pessoa “está baseado em quatro ações principais: registro, preservação e divulgação de histórias de vida e disseminação de metodologias”. Parte dessas ações é efetuada presencialmente enquanto outras ocorrem virtualmente. Por isso, considera-se que seja um museu híbrido, atuando nas duas esferas.

As atividades presenciais incluem entrevistas realizadas no estúdio do museu, em cabines (“Museu Que Anda”) ou exposições pelo Brasil. Já a virtuais se constituem em histórias que os usuários enviam por meio da ferramenta colaborativa “Conte Sua História”, disponível na plataforma do museu (Henriques; Lara, 2021).

Durante a pandemia de Covid-19, as ações presenciais tiveram que ser interrompidas, e o Museu da Pessoa precisou se adaptar. De acordo com Henriques e Lara (2021), foram criadas iniciativas que mostrassem que todas as vidas importam. Entre elas, foi lançada nas redes sociais a ação “Diário para o Futuro”, “uma campanha

amplifiers of affect: stories told on television, radio, or the Internet encourage public exchange of intimate feelings and emotions.”



de registro de memórias cotidianas para a construção de uma história colaborativa para o futuro” (Henriques; Lara, 2021, p. 217).

A exposição “Diários da Pandemia – Um dia de cada vez” é resultado dessa campanha, que coletou relatos cotidianos sobre a pandemia realizada pelo Museu da Pessoa entre maio e outubro de 2020, no Brasil, e entre janeiro e abril de 2021, na Holanda. A coleta de depoimentos de holandeses resultou de uma parceria do museu com a *School of Fine and Performing Arts da Fontys University* (Diários da Pandemia, 2025).

São relatos – textos, imagens, vídeos - que se constituem na memória coletiva de um grupo heterogêneo de pessoas. Muitos estavam sós em suas casas, sem poder sair, tendo somente a internet como ferramenta de comunicação. Seus depoimentos se assemelham ao que se passou com boa parte da população tanto no Brasil como na Holanda.

Segundo o site da exposição, foram recebidos 594 depoimentos que passaram a fazer parte do acervo. Integram também a exposição relatos colhidos pela iniciativa “Inventário de Sonhos”⁹, pelo projeto “Reinventar-se: Narrativas Digitais da Docência em 2020”, cujas narrativas de docentes foram originalmente publicadas em uma comunidade de mesmo nome do Facebook, e por textos e imagens do projeto “SP invisível”, que reuniu histórias da população de rua, disponíveis no site spinvisivel.org.

A partir desses dados, elaboramos nossos critérios de análise. Antes de apresentá-los, cabe tecer algumas considerações sobre a pesquisa artesanal. Howard Becker afirma que prefere “um modelo artesanal de ciência, no qual cada trabalhador produz as teorias e métodos necessários para o trabalho que está sendo feito” e que os pesquisadores “deveriam se sentir livres para inventar os métodos capazes de resolver os problemas das pesquisas que estão fazendo” (Becker, 1993, p. 12)

Já Wright Mills (2009) se refere ao artesanato intelectual, associando seu “ofício” de sociólogo às ideias de “artesanato” e “oficina”, contrapondo-se “à visão do trabalho do cientista social como alguém que testa hipóteses construídas (...)”. Segundo o ponto de vista de Mills, “no trabalho do cientista social não haveria fórmulas, leis, receitas e sim *méthodos*, no sentido original grego da palavra: via,

⁹ A iniciativa reúne relatos de sonhos de anônimos na pandemia, que, originalmente, foram publicados no site psicanaliseedemocracia.com.br



caminho, rota para se chegar um fim” (Castro, 2009, p. 13) Para Mills (2009, p. 56), um bom artesão deve evitar “todo conjunto rígido de procedimento”.

Nesse sentido, a metodologia aqui adotada foi construída artesanalmente, a partir da análise do material disponível na exposição “Diários da pandemia – Um dia de cada vez”. Está dividida em duas etapas: uma análise quantitativa e outra qualitativa. A análise quantitativa teve por objetivo mapear as publicações, estabelecendo critérios que permitissem a delimitação de um *corpus* para a posterior análise qualitativa.

De acordo com informações disponíveis ao final da exposição (Diário da Pandemia, 2025), 594 depoimentos foram recebidos. Entretanto, ao analisarmos item a item, contabilizamos apenas 58 contribuições. Não é possível saber qual foi o critério de seleção dessas 58 publicações, que se tornou o nosso material inicial de análise.

Cabe ressaltar que, com exceção de cinco publicações¹⁰, todas estão identificadas com o que parecem ser as primeiras letras do nome e sobrenome do autor. Outra informação importante é que a exposição está organizada em frases que fazem parte do início de cada postagem, nas quais o usuário deve clicar para ler o texto na íntegra.

Após essas primeiras observações, organizamos as postagens, dividindo-as de acordo com as seguintes categorias: Entradas¹¹ datadas, com a identificação somente da primeira letra do nome e do sobrenome - e Entradas sem data (e sem identificação); Projeto “Reinventar-se (...)”; Projeto “Inventário de sonhos”; Projeto “São Paulo invisível”; e vídeos postados. As entradas datadas e as sem data são textos exclusivos da exposição assim como os vídeos, ou seja, não fizeram parte de nenhum projeto anterior.

Esta análise resultou em: 36 textos datados enviados para a exposição, cinco sem data, três vídeos, quatro do projeto “Reinventar-se (...)”, cinco do projeto “São Paulo invisível” e cinco do projeto “Inventário de sonhos”. A partir destes dados, estabelecemos como primeiro critério nos concentrar somente nos textos enviados

¹⁰ Estas cinco publicações são pequenas frases, sem data e sem continuidade, ou seja, constituem o início de um texto no qual se deve clicar para acessá-lo na íntegra. Talvez sejam frases da própria exposição, mas não fica claro.

¹¹ O termo ‘entrada’ costuma ser utilizado para definir os textos dos diários divididos em data. Ou seja, para cada data, uma entrada diferente.



exclusivamente para a exposição, que não estavam incluídos em projetos anteriores. Como a maioria era de textos datados, optamos por excluir vídeos e textos não datados.

Os textos de 2020 foram enviados por brasileiros – 26 -, enquanto os de 2021, por holandeses - 10. Assim, outro critério de seleção foi excluir os textos holandeses, já que, como informamos na introdução, o foco deste artigo é buscar entender como a pandemia foi vivida por brasileiros. Com isso, o número diminuiu para 26. Decidimos, então, adotar como outro critério a idade dos participantes da exposição, para reforçar o caráter heterogêneo do grupo. Dos 26, dois não a informaram. Os números, então, baixaram para 24.

Em seguida, passamos a uma análise prévia dos textos, com o objetivo de identificar as emoções observadas, comparando-os com a idade dos participantes. Para tanto, baseamo-nos em Fábio Akcelrud Durão (2020) e sua metodologia de pesquisa em literatura, partindo de uma interpretação das publicações. Para Durão (2020, p. 27), “um texto ‘ só existe à medida que é lido, que seu estado de potência, por assim dizer, é transformado em realidade, por meio de um ato no qual o sujeito de um papel ativo. Tal ato se chama *interpretação*”¹².

E interpretar, para o autor, não é apenas organizar uma listagem de predicados do objeto. É necessário “mobilizar uma etimologia própria de cada palavra, comparar qualquer coisa com qualquer coisa, dentro e fora da obra; relacionar as ideias do texto, utilizando o pensador que mais lhe aprouver; prestar atenção a tudo aquilo que o texto oferece como materialidade, os sons, as imagens, os argumentos etc.” (DURÃO, 2020, p. 30).

Nesse sentido, dedicamo-nos ao exercício de interpretação dos textos. Não se trata ainda da análise qualitativa do *corpus*, posto que este não está totalmente delimitado, mas de uma investigação prévia. Logo no início, ao contrário de todos os textos, um (de uma pessoa de 26 anos) não falava sobre o dia a dia ou sobre emoções, e sim sobre um sonho. Por esse motivo, resolvemos descartá-lo.

Posteriormente, estruturamos uma tabela com idade de cada participante e as emoções que percebemos em cada texto, de forma a organizar as informações, conforme se vê abaixo. Verificamos que a idade dos autores era bastante variada, sendo

¹² Grifo de Durão



que dois estavam entre a faixa de 10 a 20 anos, seis na faixa dos 20, três na faixa dos 30, três na faixa dos 40, seis na faixa dos 50, três na faixa dos 70 e um na faixa dos 80.

Tabela 1: Faixa etária dos participantes e emoções

Faixa Etária	Emoções
89	Solidão
24	Solidão, angústia
50	Tédio, angústia, impotência, otimismo
56	Inércia, impotência, inutilidade, solidão, empatia, angústia, otimismo
18	Angústia, tédio
31	Solidão, tédio, incredulidade, angústia
58	Tristeza, cansaço, preocupação, angústia
72	Sensação de não estar só em função das tecnologias, empatia, otimismo
26	Saudade, solidão
30	Sensação de bem-estar, otimismo
33	Saudade, otimismo
40	Empatia, saudade
56	Saudade
73	Saudade, otimismo, angústia
41	Solidão, empatia
24	Tristeza, saudade
23	Falta de esperança, preocupação, empatia, angústia
41	Solidão, otimismo
54	Angústia, esperança
56	Esperança
24	Esperança
70	Medo, insegurança, solidão, angústia
14	Solidão, angústia

Fonte: As autoras

Verificamos ainda as emoções que mais “aparecem” nos textos: angústia (onze textos), solidão (nove textos), esperança (cinco textos), otimismo (sete textos), empatia (quatro textos), saudade (quatro textos) e tédio (três textos). Foi possível perceber que essas emoções fizeram parte da vida de praticamente todos os indivíduos. Boa parte sentiu angústia e solidão, mas também otimismo e esperança.

A partir desses dados, estabelecemos outro critério de seleção: emoções negativas e emoções positivas. Decidimos, assim, analisar textos que apresentam a emoção negativa que mais se destaca (angústia) na tabela, e os que revelam a emoção positiva mais evidente (otimismo). Assim, são 15 as publicações selecionadas. São textos curtos, mas reveladores. Narrativas diferentes e, ao mesmo tempo, semelhantes entre si, de pessoas de variadas faixas etárias. Cada publicação é fragmento de memória



dos primeiros meses da pandemia. Naquele período, não havia muitas informações sobre o vírus nem sobre o tratamento. As informações eram contraditórias. O número de mortos aumentava a cada dia. Segundo dados do IBGE (Agência IBGE Notícias, 2023), cerca de 1,5 de pessoas morreram em 2020.

Essas incertezas estão presentes nos textos da exposição. Optamos por excluir narrativas semelhantes, selecionando três sobre angústia e três sobre otimismo. Finalmente, o *corpus* foi delimitado em seis publicações. O critério de exclusão das nove narrativas foi a semelhança dos relatos – dos 15 textos, oito falam sobre confinamento. Com isso, escolhemos os que apresentavam mais diferenças entre si. Em relação a otimismo, o critério foi selecionar os três relatos em que o otimismo estava mais evidente.

Com apenas 24 anos, C.C.¹³ afirma que se sente velha, diferente e que percebe o tempo passando. Sua publicação é do dia 9 de julho de 2020. Informa que está há alguns meses em casa sem ver ninguém. Apesar de sua angústia de estar “99% do tempo sozinha” (C.C., 24 anos) há muito tempo, pensa no que poderia fazer para ajudar os outros. Acredita que quando todos voltarem a se encontrar presencialmente, talvez haja um estranhamento. Pensa que ainda que a memória é curta e “talvez a gente abra a porta quando puder e já esqueça de tudo que passamos (C.C., 24 anos).

A jovem parece experimentar um misto de angústia e descrença no ser humano. De certa forma, prevê o futuro, pois, hoje, para muitos, a pandemia ficou para trás e nada mudou. Para outros, é a memória de um luto que não pode ser esquecido.

Mesmo quem não perdeu ninguém para o Covid-19, viveu algum tipo de luto. É o caso de E.M., de 23 anos, que percebe que sua avó, de 89 anos, está perdendo a memória. Em 22 de maio de 2020, ela demonstra preocupação e angústia. Desde março de 2020, E.M. não a vê pessoalmente. A memória de sua avó parece estar cada vez mais presa ao passado – “o passado ela lembra (sic) como se o estivesse revivendo, aqui e agora” (E.M., 23 anos). Seus familiares lhe contam eventos presentes, coisas boas.

¹³ Todos os textos estão disponíveis em <https://www2.museudapessoa.org/exposicoes/diarios-da-pandemia/?lang=pt-br>. Para fins de organização do artigo, iremos citá-los informando as letras iniciais de cada autor, conforme aparecem no site, e sua idade.



Dias depois, a avó diz que sonhou com tais acontecimentos, e eles precisam explicar-lhe que não era sonho, mas realidade. Segundo E.M., ela olha surpresa e diz: “Deus me abençoou, porque através dos meus sonhos e com o meu amor posso tornar as coisas reais” (E.M., 23 anos). E.M. finaliza seu texto afirmando que o que mais sente falta é da esperança da avó. Seu relato também revela a saudade de ter a avó no “presente”, a memória presente da avó. A angústia na pandemia se estendia também aos amigos e, principalmente, aos familiares. A preocupação de E.M. é com sua avó, embora também esteja lidando com seus próprios problemas.

A.R., de 50 anos, também sente os efeitos do isolamento. Seu texto é de 4 de setembro de 2020. Perdeu a conta de quantos dias está em quarentena. Relata que sua vida virou do avesso, justamente no dia do seu aniversário, 13 de março de 2020. Seus dias passaram a ser preenchidos por trabalho: aulas online e home office no mesmo espaço. “Tudo misturado” (A.R., 50 anos). Sente angústia, mas está aprendendo a lidar com ela. Tem certeza de que “futuramente a gente vai rir disso” (A.R., 50 anos).

A.R. registra um tempo que parece ter um sabor amargo. Meses confinado(a) em casa, em um ritmo intenso de trabalho. Uma memória que fez parte boa parte dos trabalhadores – inúmeros destes, professores -, que tiveram que adaptar seu espaço íntimo a atividades laborais. Tudo se confundiu, interferindo na saúde mental de muitos. Mas A.R. se mantém resiliente, embora esteja triste.

Também há relatos de otimismo, apesar de tudo. Aos 72 anos, C.M. é viúva. Em 14 de agosto de 2020, ela afirma que nunca se sentiu tão perto de tudo e todos como naquele momento. Está em paz com a solidão. Experimenta a felicidade de ter optado por viver só em sua casa, com seus três gatos. A felicidade de C.M. se relaciona à tecnologia e à internet: “Tenho o MUNDO¹⁴ na ponta dos meus dados, à distância de um toque na tela do celular, e na segurança do meu Lar (sic), reduto de tudo o que mais gosto”.

C.M. conversa com familiares, amigos e com novos amigos, que conheceu em sarais virtuais. Preenche seu tempo com cursos de pintura, de italiano, crochê, alongamento. Aprende receitas, expõe suas pinturas e fotos, assiste filmes e palestras. Não há medo nem angústia ou solidão em sua narrativa. Além de se sentir otimista,

¹⁴ Grifo de C.M., 72 anos



procura formas de ajudar como pode “aos que precisam de ajuda para saírem desta Pandemia” (C.M., 72 anos).

Otimismo também é o que podemos perceber na narrativa de D.S., 30 anos. Está feliz por ter conseguido se exercitar e como a atividade física teve um impacto positivo em seu humor. Escolheu uma aula de yoga no youtube. “Estou me sentindo muito bem”, afirma ela (D.S., 30 anos).

Assim como C.M., D.S. utilizou a tecnologia a seu favor, ressignificando-a: “Finalmente, eu acho que estou entendendo um pouco como usar a tecnologia para me ajudar (...)” (D.S., 30 anos). Na internet, encontra ferramentas para manter-se otimista. Também não há referência a medos ou angústia em seu relato.

A última publicação selecionada é de L.L., 33 anos. Trata-se de um texto em que também a tecnologia tem papel importante, pois é por meio do celular que L.L. conversa com seu afilhado Joaquim. Em 21 de maio de 2020, ela conta que, naquele dia, ele iria comemorar quatro anos. Segundo o(a) autor(a) do texto, a festa vai ser diferente, mas todos receberão bolos e docinhos em casa, feitos mãe de Joaquim, sua irmã. L.L. utilizará enfeites para decorar o cenário.

Será uma lembrança diferente para Joaquim. Segundo L.L, ele terá a sensação de que está na festinha: “é uma forma de aplacar a saudade e é engraçado pensar nessas novas formas no contexto de isolamento” (L.L., 33 anos). O(a) autor(a) não demonstra tristeza nem angústia. Ele /ela parece se sentir feliz de poder participar do aniversário, apesar de ser de forma remota.

Interessante notar que, nos relatos em que a angústia se mostra evidente, esta se relaciona a perdas – principalmente, perda do convívio pessoal com outras pessoas –, que, por sua vez, parecem causar solidão. Estar confinado implica estar sozinho, mas também pode significar se ocupar mais com o trabalho, já que não é preciso perder tempo com deslocamento.

Sobre o otimismo, este está intimamente ligado à tecnologia. A internet permite o contato entre pessoas, diminuindo a sensação de isolamento. Possibilita ainda a realização de novas atividades, como os cursos de italiano, crochê e pintura, frequentados por C.M.



Memórias e emoções caminham juntas nesses relatos. Impossível contar como anda a vida em um momento tão difícil sem demonstrar sentimentos. Memórias, portanto, não são apenas compartilhar o tempo, mas também compartilhar emoções.

Considerações finais

Referindo-nos novamente à antropologia das emoções e a Foucault (1966; 2012), cabe ressaltar mais uma vez que o discurso constitui o real e que as emoções são social e discursivamente construídas e expressadas. Nesse sentido, o fato de os relatos serem anônimos nos fazem concluir que seus autores talvez tenham procurado narrar o que realmente sentiam e como era o seu cotidiano, já que sua identidade estava preservada.

O fato de os relatos estarem disponíveis no acervo do Museu da Pessoa garante que podemos visualizá-los talvez sem enfrentar os problemas expostos por Canavilhas (2004), porém não há como saber de que forma serão de fato acessados. Como Arfuch (2014) afirmou, vivemos hoje um modo de vida online. E na internet, as opções são inúmeras. Há, com certeza, um excesso de dados e de memória (Huyssen, 2000), disponíveis em um infinito número plataformas.

Ainda assim, são textos importantes, pois são escritos voluntariamente por diferentes tipos de pessoas e constituem parte da memória de quem viveu a pandemia de Covid-19 no Brasil. Angústia, tristeza, preocupação, saudade, alegria, otimismo... São variadas as emoções presentes na exposição “Diários da Pandemia”, que mostram um pouco de um contexto que foi diferente para cada indivíduo. Talvez esteja aí a riqueza desse arquivo. Todos viveram o mesmo momento, mas cada um a seu modo, o que permite vislumbrar diferentes ângulos da memória.

A forma como manipulamos nossos arquivos é a maneira como negociamos nossa identidade com as normas sociais, tornando o arquivo um projeto ativo de construção do eu, longe de ser um reflexo fiel da realidade. A tensão entre a injunção social e a “arte de fazer” revela que o arquivo pessoal é um campo de batalha pela definição da identidade. O indivíduo negocia ativamente a sua imagem com as normas sociais, e o arquivo é a ferramenta dessa negociação. O álbum de fotografias de família, por exemplo, não é um registro neutro. Nele, as memórias são escolhidas ou



descartadas, e a ordem é editada para construir uma "memória oficial" que justifique o presente e os valores familiares (Artières, 1998, p.14).

Trata-se de narrativas que revelam afetos mediados, para usar a expressão de Djick (2007), pois são expostos por meio de uma mídia. Seriam eles outros se compartilhados pessoalmente? Se, por um lado, escrever nos dá tempo para pensar e filtrar as palavras, como acredita Leujeune (2014), por outro, a tela pode fazer com que nos sintamos protegidos – ainda mais, quando o anonimato é garantido. “Ninguém me vê, posso desabafar sem julgamentos.”

Conforme salientou Djick (2007), a mídia eletrônica amplifica o afeto e encoraja a troca pública de sentimentos e emoções íntimas. Saber que pessoas estão escrevendo sobre si pode estimular outros sujeitos a escreverem também. A subjetividade se torna mediada, mas nem por isso menos concreta, porque se revela por meio do discurso, e o discurso tem o poder de formular o real (Foucault, 1966; 2012).

Depois de cinco anos, provavelmente, as emoções são outras. Ganhamos um pouco de distanciamento. O luto pode ter se tornado menos doloroso. Os dias de isolamento ficaram para trás. Para muitos, é um passado que não vale a pena reviver. Mas lembrar é importante porque são memórias de um período que marcou a humanidade como um todo. Rever essas memórias é recordar nossas dores pessoais, mas também um momento coletivo de desespero, de desinformação, de descaso – e por que não dizer -, de superação e resiliência.

Referências

AGÊNCIA IBGE NOTÍCIAS. Em 2021, número de óbitos bate recorde de 2020 e números de nascimentos é o menor da série. (2023) Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/36308-em-2021-numero-de-obitos-bate-recorde-de-2020-e-numero-de-nascimentos-e-o-menor-da-serie>. Acesso em: 3 abr. 2025

ARFUCH, Leonor. **O espaço biográfico: dilemas da subjetividade contemporânea**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2010.

ARFUCH, Leonor. De la subjetividade en el lenguaje (digital). In: OSWALD, Maria Luiza Magalhães Bastos; COUTO JUNIOR; Dilton Ribeiro do; WORCMAN, Karen. **Narrativas digitais, memórias e guarda**. Curitiba: Editora CRV, 2014.



ARTIÈRES, P. Arquivar a própria vida. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 11, n. 21, p. 9-34, 1998.

BARBOSA, Marialva Carlos. **Percursos do olhar**: Comunicação, narrativa e memória. Niterói: EdUFF, 2007.

BECKER, Howard. **Métodos de pesquisa em Ciências Sociais**. São Paulo: Editora Hucitec, 1993.

CANAVILHAS, João Messias. **A internet como memória**. (2004) Disponível em: <https://arquivo.bocc.ubi.pt/pag/canavilhas-joao-internet-como-memoria.pdf>. Acesso em: 12 maio 2025.

CASTRO, Celso. Introdução: Sociologia e a arte de manutenção de motocicletas. In: MILLS, Wright. **Sobre o artesanato intelectual e outros ensaios**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2009.

COELHO, Maria Claudia; DURÃO, Susana; VIANNA, Adriana. Antropologia com emoção – texto introdutório à entrevista com Catherine Lutz. **Mana**, 18 (1), p. 213-224, 2012.

CORONAVIRUS BRASIL. Disponível em: <https://covid.saude.gov.br/> Acesso em: 25 mar. 2025.

DIÁRIOS DA PANDEMIA. Disponível em: <https://www2.museudapessoa.org/exposicoes/diarios-da-pandemia/?lang=pt-br> Acesso em: 25 mar. 2025.

DIJCK, Jose van. **Mediated memories in the digital age**. California: Stanford University Press, 2007.

DURÃO, Fabio Akcelrud. **A metodologia de pesquisa em literatura**. São Paulo: Parábola, 2020.

FORTUNA, Daniele. Do diário à internet, da internet ao livro: transformação das escritas de si. **E-escrita**, Nilópolis, v. 10, n. 1, jan.-abr., 2019.

FOUCAULT, Michel. **As palavras e as coisas**. São Paulo Martins Fontes, 1966.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. São Paulo: Loyola, 2012.

HEEHS, Peter. **Writing the Self**: Diaries, Memoirs, and the History of the Self. New York / London: Bloomsbury, 2013.

HENRIQUES, Rosali Maria Nunes. **Os rastros digitais e a memória dos jovens nas redes sociais**. Tese (doutorado) – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Centro de Ciências Humanas e Sociais, 2014. 160f

HENRIQUES, Rosali Maria Nunes; LARA, Lucas Ferreira de. Os museus virtuais e a pandemia do Covid-19: a experiência do Museu da Pessoa. **Museologia & Interdisciplinaridade**, vol. 10, no. Especial, p. 209-210, dez. 2021.

HUYSEN, Andreas. **Seduzidos pela memória**: arquitetura, monumentos, mídia. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2000.



LEJEUNE, Philippe. **O pacto autobiográfico**: de Rousseau à internet. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014.

LE BRETON, David. **As paixões ordinárias**: antropologia das emoções. Petrópolis: Vozes, 2009.

LUTZ, Catherine A.; ABU-LUGHOD, Lila. Introduction: emotion, discourse, and the politics of everyday life. In: LUTZ, Catherine A.; ABU-LUGHOD, Lila. **Language and the politics of emotion**. Cambridge: Cambridge University Press, 1990.

MAIA, Andréa, Casa Nova Maia. Arquivando a pandemia – projetos de historiador e “dever de memória”. **Estudos Ibero-Americanos**. Porto Alegre, v. 47, n. 3, p. 1-9, set.-dez. 2021.

MARINO, Ian Kisil. Crowdsourcing: perspectivas críticas sobre uma prática de arquivamento emergente. **Acervo**, Rio de Janeiro, v. 38, n. 1, p. 1-24, jan./abr. 2025.

MILLS, Wright. **Sobre o artesanato intelectual e outros ensaios**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2009.

PORTAL DO BIBLIOTECÁRIO. Folksonomia: uma introdução. 2015. Disponível em: <https://portaldobibliotecario.com/tecnologia/folksonomia-uma-introducao/index.html>. Acesso em: 12 maio 2025.

MUSEU DA PESSOA. **O que é**. Disponível em: <https://museudapessoa.org/sobre/o-que-e/>. Acesso em: 25 mar. 2025.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Proj. História**. São Paulo, (10) p. 7-28, dez. 1993.

REZENDE, Claudia Barcellos; COELHO, Maria Claudia. **Antropologia das emoções**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2010.

SCHITTINE, Denise. **Blog**: comunicação e escrita íntima na internet. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004.

VELHINHO, Ana; ALMEIDA, Pedro. O legado da memória coletiva na cultura digital: digitalização, mapeamento cultural e cocriação. **Comunicação e Sociedade**, vol. 43, p. 3-20, 2023.



Este é um ARTIGO publicado em acesso aberto (*Open Access*) sob a licença *Creative Commons Attribution*, que permite uso, distribuição e reprodução em qualquer meio, sem restrições, desde que o trabalho original seja corretamente citado.